



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda da Floresta**

código  
**AII-F12-BP**

localização  
**RJ-137, Ipiabas**

município  
**Barra do Pirai**

época de construção  
**meados do século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**casa de veraneio / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda da Floresta, fachada principal

coordenador / data **Annibal Affonso Magalhães da Silva – mar 2009**  
equipe **Rita de Fátima Machado Vilela, Geraldo de Souza,  
Bastos Filho (levantamento de campo) e Annibal Affonso (AutoCad)**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão / data  
**Coordenação técnica  
do projeto – jun 2009**

A Fazenda da Floresta situa-se em Ipiabas, distrito de Barra do Pirai. Seu acesso principal se dá pela Rodovia RJ-137, a partir do entroncamento da BR-393 (Rodovia Lúcio Meira), no local conhecido como Belvedere. Após cruzar o centro de Ipiabas, entra-se à direita na Rua Luiz Novaes – uma estrada de terra, margeada por lotes residenciais – nela seguindo-se até ao cemitério local, uma das principais referências indicativas do caminho da fazenda. Após deixar o perímetro urbano, a continuação da estrada passa a ser marcada por residências implantadas em terrenos com dimensões de chácaras.

A paisagem que envolve a região é constituída pelos morros do tipo meia laranja, entremeados a pontos esparsos de mata. A partir de certo trecho surge, à direita do caminho, um imenso açude (f01), que pertence à Fazenda Santa Margarida. Vencidos seus limites, encontra-se, mais à frente, um açude menor, este situado na Fazenda da Floresta, e que marca a chegada à sua sede.

Após vencer seis quilômetros de percurso, desde Ipiabas, depara-se, à esquerda, com duas entradas, uma levando à casa-sede e outra à área de trabalho. O entorno apresenta arvores de médio e grande porte, impedindo a visualização direta da propriedade. Adentrando-se pela via de trabalho, avista-se, após cerca de 300 m, as edificações da fazenda e uma mata emoldurando os fundos.

Quando se chega próximo ao complexo construído da fazenda, a visão é atraída por um bloco de dois andares (f02). À frente dele posta-se um prédio escorado no terreno, num trecho em que suas curvas de nível decaem naturalmente (f03).



01



03



02

Com acesso pelos dois níveis e pé-direito duplo, foi construído com materiais tradicionais da época, utilizando um método diferenciado, principalmente, em relação à trama da cobertura (f04). Apenas seu avarandado inferior aparenta ser obra recente, pois não seguiu essas características (f05).

Segundo informações do administrador da fazenda – Sr. Roberto Igreja da Silva, 60 anos, residente na “Floresta” desde seu nascimento – essa construção, que se encontra subutilizada, atualmente apresenta pé direito duplo, mas, originalmente, dividia-se em dois pavimentos. A parte inferior servia como cavalaria e era fechada com régua vertical que assemelhavam-se a *brises soleils*, e o pavimento superior abrigava a telha, por onde corria um carro de trilho – chamado de bondinho – que transportava o café entre os terreiros de secagem e este prédio.

Uma antiga portada marcava a entrada no conjunto e dela restaram apenas os pilares. Um morro segue paralelo à esquerda, e chegando-se próximo ao conjunto, depara-se com os lances das rampas e escada de acesso à casa-sede, rodeada por árvores e plantas típicas de um pomar (f06).

A área de trabalho encontra-se uns seis metros abaixo da cota da casa-sede, percebendo-se que sua topografia foi modificada, buscando, através de tabuleiros escalonados, aplainar a área para trabalhar o café colhido (f07).



04



05



06



08



07

A construção de dois pavimentos (f08), em sua face voltada aos antigos terreiros de café, apresenta apenas um andar. Devido ao aproveitamento dos muros de contenção como paredes internas, foi possível usar os espaços inferiores como depósitos (f09 e f10).

Grossas colunas de pedra respondem por sua sustentação e o restante das paredes é vedado por uma espécie de enchaixel com tijolos maciços (f11). Os esbeltos barrotes e os pilares em madeira bem torneados fogem da linguagem pesada ditada, normalmente, pela técnica construtiva do período (f12). O exterior, para onde se abrem suas janelas e as largas portas, entretanto, não expressa essa característica ímpar, apresentando a mesma forma rústica da grande maioria das fazendas de café do vale (f13). Faceado com a portada de acesso, este bloco possui linhas conformando um “L” invertido.



09



10



11



12



13

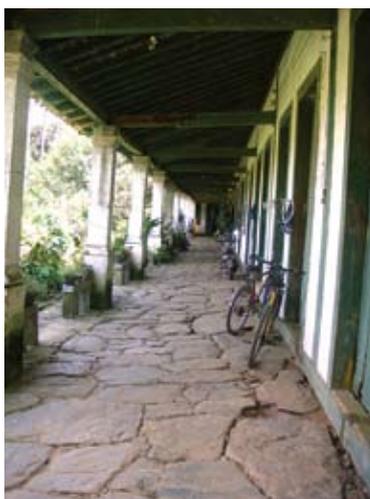
É possível perceber que a construção foi seccionada em ambas as extremidades, fato confirmado pelo administrador da fazenda e por registros localizados na lateral do antigo terreiro de café, mostrando a elevação do terreno sobre a qual acentava-se a parte que se perdeu, notando-se o alinhamento destes registros com a construção remanescente do bloco (f14). Seu avarandado, apoiado sobre pilares de pedras lavradas, volta-se para os terreiros de café (f15) e, mesmo tendo substituído os caibros e ripas de palmito por peças de seção comercial, o conjunto apresenta alto grau de autenticidade, como revelam o piso de pedras e suas esquadrias (f16).

Utilizado originalmente como a senzala, transformou-se atualmente na casa de colonos, com as adaptações necessárias para tanto, conforme se observa nos pisos e forros em madeira aparelhada (f17 e 18) e na instalação de cozinhas e banheiros.

Os terreiros de café ainda marcam presença, estando divididos em níveis e possuindo formato retangular. O terreiro principal fica logo na entrada, envolvido pelo antigo bloco da senzala e, apesar de estar gramado, mantém sua base de pedra, avistada em vários pontos (f19 e f20).



14



15



16



17



18



19

Os demais terreiros têm piso em terra e servem hoje como pomar ou estão cobertos por mato (f21). Devido ao aplainamento do terreno, a partir de certo trecho passam a ser delimitados na lateral direita por um muro de contenção em pedra e o último deles encontra-se paralelo ao açude da fazenda (f22), que contorna o morro onde está assentada a casa-sede. Segundo o administrador, este açude foi instalado há cerca de 25 anos sobre um brejo, para acabar com os mosquitos que incomodavam os moradores. Ele deságua no rio das Flores, situado na outra extremidade da propriedade, próximo à mata, que constitui a paisagem de fundos.

O administrador nos mostrou uma galeria de pedra transpassando o terreiro de café, cuja função era escoar a água do antigo brejo. Informou também a localização dos antigos engenho e roda d'água, bem ao fim dos terreiros, próximos ao morro que limita, aos fundos, o açude. Dessas construções, restou um antigo tanque de café e parte de suas canaletas desembocam no terreiro de fundos, atualmente coberto por mato. A água para abastecer o conjunto vinha do imenso açude avistado da estrada, pertencente à Fazenda Santa Margarida. Era ele também que fazia o abastecimento da usina de energia elétrica da fazenda.



20



21



22

descrição arquitetônica

Quem entra na fazenda pela via privativa da casa-sede depara-se com sua fachada lateral esquerda, marcada em toda extensão por uma varanda, sustentada por pilares de alvenaria e delimitada por um guarda-corpo de madeira trabalhada (f23 e f24).

A fachada principal volta-se para os terreiros de café, situados em cota inferior em tabuleiros escalonados alcançados, após as colunas da antiga portada, por um acesso feito de pedra, junto ao declive do terreno, conjugando rampas e escada (f25). Ao atingir seu patamar intermediário, caminha-se por um lance único, desembocando defronte da varanda da casa (f26).

A casa-sede caracteriza-se como uma construção de um pavimento sobre porão baixo, edificado com alvenaria de pedra e que mantém orifícios retangulares que garantem sua ventilação (f27). Acima dessa base, há uma estrutura em gaiola de madeira – pilares, frechais, madres e barrotes – que é vedada por paredes em pau a pique.

Sua planta arquitetônica funcional desenvolve-se num bloco longitudinal, com um pequeno prolongamento aos fundos, marcando sua configuração em “L” invertido (f28).



23



24



25



26



27



28

A cobertura em nove águas é arrematada por um beiral simples, acompanhando a forte inclinação do ponto das telhas das tradicionais fazendas de café (f29).

Externamente, a pintura branca das paredes segue até a base, preenchendo inclusive o porão, sendo interrompida apenas pelo verde das peças verticais dos pilares de madeira que sobressaem a alvenaria (f30). Sua massa edificada intercala aos cheios da alvenaria caiada os vazios das portas em madeira envelhadas e das janelas com fechamento triplo, no interior com folhas cegas, ao meio com guilhotinas em caixilhos de vidro e no exterior com folhas de veneziana (f31 a f36).

Destituída de ornamentos suntuosos, a casa possui um pé direito de 4 metros. A entrada principal situa-se na varanda postada na extremidade esquerda, com acesso por uma escadaria apoiada por grossos pilares, guarda-corpo de alvenaria e piso cimentado (f37). Por ela adentra-se na parte social da casa, através de três portas, uma delas – a que se voltava a um quarto – está lacrada e as outras conduzem a sala de jantar e à sala de visitas.

No interior, o acesso entre os compartimentos é feito por portas em folhas cegas de abrir (f38), muitas delas são arrematadas por bandeira de vidro (f39). O piso possui tábuas corridas, em peças aparelhadas no sistema de encaixe macho e fêmea, certamente executado em época posterior (f40). O forro, entretanto, devido às suas dimensões e sistema de encaixe saia e camisa, guarda evidências de ser original (f41).



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



41

A partir da sala de visitas chega-se a um *hall*, também acessado pela sala de estar, que se volta para um banheiro (f42 a f44) – com piso cimentado e adaptação criteriosa num dos antigos ambientes – e a uma circulação que leva a dois quartos, configurando a perna menor do “L”.

A sala de estar faz a interligação dos ambientes à sua esquerda através de um amplo *hall* de circulação central que recebe iluminação natural por meio de aberturas no forro (f45) e para o qual voltam-se quatro quartos, um deles com banheiro (f46 e f47). A sala de jantar, contígua, dá acesso a mais um quarto, a copa e a um banheiro, estes últimos adaptados em antigos compartimentos, onde foi necessário trocar o piso de madeira por outro, cimentado. Nos compartimentos voltados para a fachada principal nota-se uma deflexão no forro, obedecendo à inclinação da cobertura (f48).



42



43



44



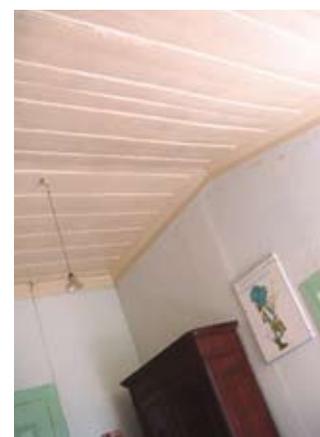
45



46



47



48

A sala de jantar tem portas voltadas para uma varanda coberta e para o pátio externo (f49 a f51). Da varanda coberta tem-se acesso à cozinha, banheiro, dois quartos de empregada, além de uma biblioteca, ao fundo do conjunto (f52). Nota-se claramente que a casa-sede foi concebida em duas épocas distintas, podendo-se delimitar os espaços originais entre a face da fachada lateral direita e a parede limite da sala de jantar com o pátio aberto (f53 e f54). Toda esta parte possui características construtivas e arquitetônicas idênticas.



49



50



51

A continuidade do conjunto engloba um pátio aberto delimitado por um muro baixo, para o qual se abre o prolongamento feito posteriormente, construído sem porão e com pé direito inferior, em tijolo de barro. Suas esquadrias comerciais de dimensões contemporâneas destoam das originais (f55). A varanda coberta é sustentada por grossas colunas de seção quadrada e calçada por lajotas cerâmicas de antiga feitura, elementos que fazem referência ao conjunto primitivo, não tendo sido possível descobrir se são provenientes de algum trecho demolido ou se foram trazidos de outro local.



52



53



54



55

A estrutura encontra-se em bom estado de conservação, não apresentando problemas que possam vir a causar alguma instabilidade na construção. Não foi possível examinar mais detalhadamente a trama da cobertura. Do exterior nota-se que os caibros e ripas conjugam trechos com peças roliças e outros de seção comercial contemporânea (f56 e f57). Ambas estão em bom estado de conservação, exceto em alguns pontos dos beirais, onde se nota alguma degradação (f58). As telhas de cobertura apresentam sinais de envelhecimento.

O assoalho encontra-se bem conservado, talvez pelo fato de não ser o original que foi substituído pelo atual, em madeira aparelhada (f59). O forro é o original, feito de madeira com sistema de encaixe em saia e camisa, necessitando de alguns reparos (f60).

É possível avistar pequenas trincas na alvenaria, proveniente de pequenos abalos e deslocamentos, mas nada que possa vir a comprometer a saúde estrutural do prédio. A umidade ascendente está presente, principalmente nas bases. Nestes pontos, a pintura encontra-se em estado de lixiviação e pulverulência. Nos locais em que o porão não apresenta condições de fazer essa proteção contra os respingos provenientes das águas de chuva, nota-se uma certa deterioração da alvenaria (f61).



56



57



58



59

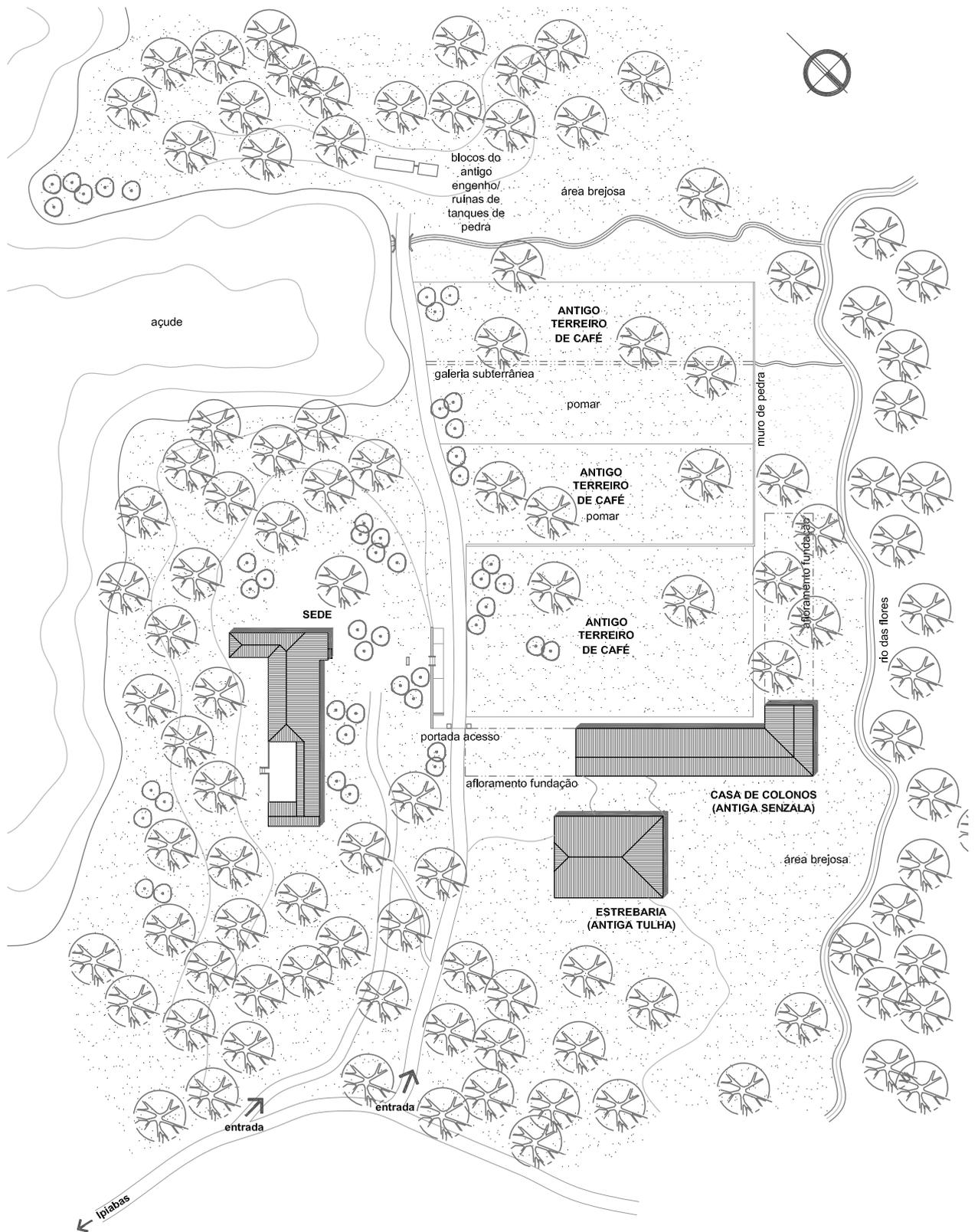


60



61

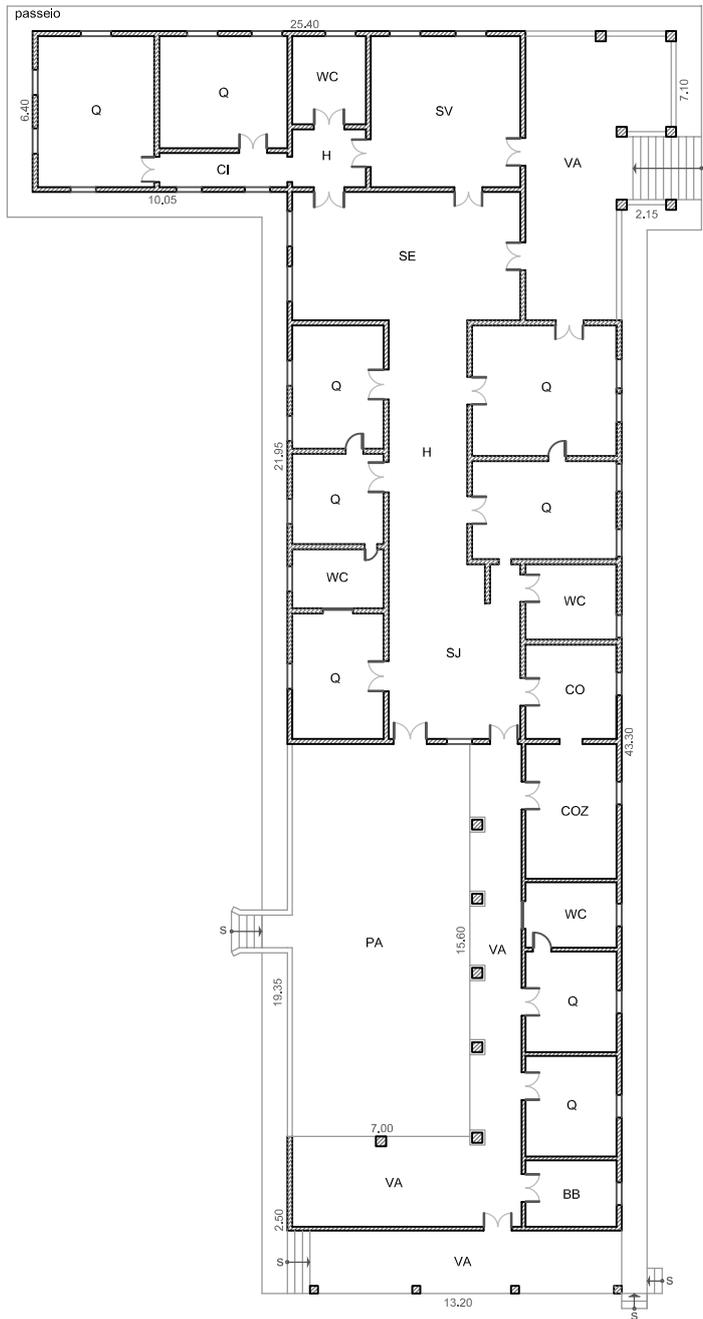
# FAZENDA FLORESTA



**1** Implantação  
escala: 1/1500



**FAZENDA FLORESTA**



**1** Planta Baixa da Sede  
escala: 1/300



BB - biblioteca	CO - copa	H - hall	Q - quarto	SJ - sala de jantar	VA - varanda	alvenaria existente
CI - circulação	COZ - cozinha	PA - patio	SE - sala de estar	SV - sala de visitas	WC - banheiro	alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F12 - BP

**2/2**

equipe: Annibal Afonso M. Silva / Rita F. Vilela / Geraldo S. Bastos Filho	desenhista: Annibal Afonso	revisão: Francyla Bousquet	data: mar 2009
---	-------------------------------	-------------------------------	-------------------

Originalmente, a Fazenda da Floresta era uma sesmaria de meia légua em quadra, ou seja, 225 alqueires geométricos de terras, resultado de um desmembramento da grandiosa Fazenda de Santa Cruz, dos padres jesuítas, confiscada pelo Marquês de Pombal em 1759<sup>1</sup>.

Em um mapa de 1816, a sesmaria da Floresta é assinalada como propriedade de Luís Nicolau Fagundes Varela<sup>2</sup>. Tempos depois, ainda na primeira metade do século XIX, foi adquirida por Joaquim José Pereira de Faro, filho do primeiro barão do Rio Bonito.

Tudo leva a crer que foi Joaquim quem edificou a sede e as demais instalações da Fazenda da Floresta, e lá teria vivido com a família até sua morte, em 1845. Comendador Joaquim José Pereira de Faro, homônimo de seu pai, o primeiro barão do Rio Bonito, nasceu no Rio de Janeiro, em 10 de março de 1802, e faleceu na mesma cidade, em 7 de janeiro de 1845 (IÓRIO 2007 p.42). Era fidalgo cavaleiro da Casa Imperial, Moço da Imperial Câmara e Guarda Roupas de Sua Majestade D. Pedro II. Casou-se em 25 de março de 1831, com D. Angélica Joaquina Campos Vergueiro, filha do senador Nicolau Pereira Campos Vergueiro.

O casal Joaquim José e Angélica Joaquina teve três filhos: José Pereira de Faro (1832-1899), que nasceu na Fazenda da Floresta e casou-se em 1855 com a prima Francisca Romana Darrigue de Faro e foi o terceiro barão do Rio Bonito; Agueda Feliciano de Faro Vergueiro (1833-1898) casou-se com o tio Nicolau José de Campos Vergueiro e foi a viscondessa de Vergueiro; e por fim, Antônio Pereira de Faro (1835-1888), que casou-se com Francisca Clemente Pinto (IÓRIO, 2007, p.50).

No final do século XIX, a Fazenda da Floresta foi vendida ao coronel Cristiano Joaquim da Rocha. Em 1883, a fazenda foi adquirida pelos sócios João José Pereira da Silva e Dr. Emídio Adolfo Vitorino da Costa, através da sociedade agrícola "Pereira da Silva & Vitorino". Durante o período que pertenceu a esta Sociedade, a Fazenda da Floresta experimentou algumas iniciativas inovadoras e bastante adiantadas para a época, tais como a ligação através de linha telefônica a estação ferroviária de Ipiabas e a substituição do trabalho escravo pela mão de obra livre. Estas ações estendiam-se às outras propriedades vizinhas, como a Fazenda Riachuelo, do mesmo João José Pereira da Silva, e São José, de José Joaquim da Rocha<sup>3</sup>.

A Fazenda da Floresta dista apenas cinco quilômetros do distrito de Ipiabas, antiga Freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas, desmembrado do município de Valença e anexado ao de Barra do Pirai em 1890. Chegou a possuir, além das instalações necessárias ao funcionamento de uma típica fazenda cafeeira, carros sobre trilhos puxado por máquina a vapor, para transportar o café até aos terreiros de secagem de café. Atualmente a fazenda possui dois açudes, sendo um deles dos primórdios da fazenda e o outro, do final do século XX.

Na década de 1920, a fazenda foi adquirida por Oswaldo Guinle que a vendeu, tempos depois, a Manoel Pinto, que por sua vez a passou ao Dr. Luís Novaes, quinto filho do barão de Novaes, casado com Francisca de Paula Parreiras Horta, neta do visconde de Ouro Preto. Por herança, a fazenda chegou às mãos de sua filha, atual proprietária (IÓRIO, 2007, p.239).

<sup>1</sup> Foram os padres da Companhia de Jesus que, agregando-a a outras sesmarias, constituíram um imenso latifúndio assinalado por uma grande cruz de madeira: a Santa Cruz, cujo tomo verificou-se em 1731. Em poucas décadas, a região compreendida entre a Barra de Guaratiba, o atual município de Mangaratiba, até o Rio Paraíba do Sul, no sul do atual estado do Rio de Janeiro. Constituiu a poderosa Fazenda de Santa Cruz, a mais desenvolvida da Capitania à época, contando com milhares de escravos, cabeças de gado e diversos tipos de cultivos, manejados com técnicas avançadas para a época. Outra das admiráveis iniciativas dos dirigentes da Fazenda de Santa Cruz, no plano da cultura, foi a fundação de uma escola de música, de uma orquestra e de um coral, integrados por escravos, que tocavam e cantavam nas missas e nas festividades quer na fazenda, quer na Capital da Capitania. Considera-se, por essa razão, que Santa Cruz foi o berço da organização instrumental e coral do primeiro conservatório de música no Brasil. Com o banimento dos Jesuítas do Brasil, em 1759, o patrimônio da Fazenda de Santa Cruz reverteu para a Coroa, passando a se subordinar aos Vice-reis. Após um período de dificuldades administrativas, sob o governo do vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, a fazenda voltou a conhecer um período de prosperidade. No início do século XIX, com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, e o seu estabelecimento no Rio de Janeiro, a fazenda foi escolhida como local de veraneio.

<sup>2</sup> Mapa topográfico de 1814, que se encontra anexo à sesmaria pertencente ao coronel Joaquim José Pereira de Faro e seu filho Joaquim José Pereira de Faro, Luiz Pereira Ferreira de Faro e João Pereira Darrigue de Faro e Tereza Maria de Jesus, viúva de Manoel da Costa Santos. João Luís da Silva, arquivista classe I. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, em 5 de Abril de 1939. Aristide Leal Pacheco Rosa, arquivista.

<sup>3</sup> *Almanak administrativo, mercantil e industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. (1881 e 1883). Eduardo Laemmert (org.). Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert